

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Características semânticas de mentiras no Português Brasileiro: uma
análise gradual

Carolina Peternela Colosso

São Carlos - SP

2024

Carolina Peternela Colosso

Características semânticas de mentiras no Português
Brasileiro: uma análise gradual

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Bacharel em Linguística.

Orientador: Prof.: Dr. Renato Miguel Basso

São Carlos - SP

2024

[COLOSSO, Carolina].

Nº Cutter Características semânticas de mentira no português brasileiro: uma análise gradual / Carolina Peternela Colosso — 2024.

46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Linguística) – [Universidade Federal de São Carlos], São Carlos, 2024

1. [primeira entrada de assunto]. 2. [segunda entrada de assunto]. 3. [terceira entrada de assunto].
I. Características semânticas de mentira no português brasileiro: uma análise gradual.

CDD [número da CDD].

Nome: Colosso, Carolina Peternela

Título: Características semânticas de mentiras no Português Brasileiro: uma análise gradual

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Bacharel em Linguística.

Aprovado em: 28/08/2024

(ata assinada e protocolada pelo Coordenação de Curso do Bacharelado em Linguística)

Banca Examinadora

ORIENTADOR

Prof.: Dr. Renato Miguel Basso

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

MEMBRO DA BANCA

Prof.: Dr. Pablo Arantes

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

*“We always used to say
Saturdays take the pain away
Nobody stays the same
No matter how much you want it
Some things change...”*

Saturdays - Louis Tomlinson

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, por todo o carinho nas voltas para casa.

Ao meu irmão, José Eduardo, por me mostrar que eu posso ser alguém admirável.

À Sasha (*in memoria*), o cachorro que me ensinou o que é o amor incondicional.

À Universidade Federal de São Carlos, ao Departamento de Letras e a todo corpo docente do Bacharelado em Linguística por terem contribuído para minha formação profissional.

Em especial ao meu orientador, Renato, que embarcou comigo nessa pesquisa, pulando de cabeça em águas pouco conhecidas, me orientando e auxiliando em qualquer dúvida, deixando essa jornada muito mais leve e divertida.

Aos meus amigos de curso, Vinícius e Igor, pelas risadas e aos amigos de casa, Giovanna, por serem muito mais que amigos.

***E aos meus pais, Flavia e Adenilson,
que sob muito sol, me permitiram chegar
até aqui, na sombra.***

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar os componentes semânticos do conceito de mentira no português brasileiro (PB) contemporâneo, e defender uma definição de tal conceito baseada na ideia de protótipos. Para tanto, aplicamos a falantes do PB o questionário sobre os traços semânticos que compõem mentira proposto por Coleman & Kay (1981). A resposta anônima a tal questionário, cujos sujeitos são falantes nativos adultos de PB, levará a uma caracterização do protótipo de mentira no PB. De posse de tal caracterização, comparamos os dados obtidos com a aplicação de tal questionário aos falantes de inglês, buscando diferenças interculturais de mentira, bem como analisamos as implicações dos resultados obtidos para o PB com descrições filosóficas sobre mentira, que, em geral, não tomam dados empíricos para sua discussão. Sendo assim, esta pesquisa contribui não só para a descrição do conceito de mentira no PB, como também para o início de uma avaliação translinguística desse conceito e suas implicações no debate filosófico. Por fim, ressaltamos a originalidade da presente pesquisa, dado que praticamente não há trabalhos sobre o tema na linguística do PB.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica, mentira, gradualidade.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the semantic components of the concept of lying in contemporary Brazilian Portuguese (BP), and to defend a definition of this concept based on the idea of prototypes. To this end, we applied the questionnaire on the semantic features that make up lies proposed by Coleman & Kay (1981) to speakers of BP. The anonymous response to this questionnaire, whose subjects are adult native speakers of BP, will lead to a characterization of the prototype of lying in BP. Once we have this characterization, we compare the data obtained by applying this questionnaire to English speakers, looking for intercultural differences in lying, as well as analysing the implications of the results obtained for BP with philosophical descriptions of lying, which, in general, do not take empirical data for their discussion. Thus, this research contributes not only to the description of the concept of lying in BP, but also to the beginning of a translinguistic evaluation of this concept and its implications in the philosophical debate. Finally, we would like to highlight the originality of this research, given that there is practically no work on the subject in BP linguistics.

KEY WORDS: Semantics, lie, graduality

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráficos Sujeitos dos experimentos - Página 31
- Gráfico 1: Análise Individual do Português Brasileiro - Página 34
- Gráfico 2: Análise Gradual do Português Brasileiro - Página 36
- Gráfico 3: Análise Gradual do Inglês - Página 38

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1: Elementos necessários para a constituição de uma mentira - Página 29
- Tabela 2: Histórias x Respostas do Formulário - Página 33
- Tabela 3: Pontuação PB - Página 36
- Tabela 4: Pontuação Inglês - Página 37
- Tabela 5: Elementos constituintes de uma mentira presentes em cada história - Página 40
- Tabela 6: Análise prototípica de relevância dos elementos em relação às histórias - Página 40

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 CONCEITO DE MENTIRA... ..	15
2.2 MENTIRA: CATEGÓRICA OU GRADUAL?.....	23
2.2.1 PROTÓTIPOS EM LINGUÍSTICA.....	24
2.2.2 PROTÓTIPO PARA MENTIRA.....	25
2.2.3 O EXPERIMENTO DE COLEMAN E KAY (1981).....	29
3. O EXPERIMENTO EM PB E SEUS RESULTADOS... ..	32
3.1 SUJEITOS DOS EXPERIMENTOS.....	32
3.2 PREVISÃO PROTOTÍPICA.....	33
3.3 COMPARANDO RESULTADOS.....	37
4. ANÁLISE DOS DADOS... ..	39
5. CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS... ..	44
ANEXOS... ..	46

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar, tanto de um ponto de vista filosófico/conceitual, quanto linguístico, o fenômeno da mentira, buscando uma definição mínima através de suas propriedades linguísticas, com base em dados do português brasileiro (PB) e na intuição dos falantes sobre o que compõem uma mentira.

Antes de mais nada, é importante dizer que “mentira” é um fenômeno tão comum quanto elusivo, e são inúmeras as tentativas de capturar sua essência, ou seja, de dizer quais são os traços mínimos e necessários que permitem identificar uma dada interação linguística¹ como uma mentira.

Entre as questões que podem ser investigadas ao lidarmos com o fenômeno da mentira, podemos citar, por exemplo, as seguintes, que estão longe de esgotar as possibilidades de temas a serem investigados:

- Mentir é algo sempre verbal?
- É possível mentir para si mesmo?
- Mentir para si mesmo é o mesmo que mentir para outra pessoa?
- Existem diferentes tipos de mentira?
- Existem estruturas linguísticas típicas de mentira?
- É possível identificar mentiras por meio de pistas linguístico-estruturais?

Nosso interesse a princípio, entretanto, é focalizado na compreensão do que é o conceito de mentira e porque ele não se adequa às suas diferentes concepções atuais, além de como os usuários da língua entendem e identificam mentiras de um viés da linguagem.

Dessa forma, não seria incorreto dizer que, de acordo com a crença popular, a concepção de mentira revela-se fortemente amparada na ideia de enganar ou iludir alguém, com algum tipo de benefício para quem conta a mentira². Também não é

¹ Não entraremos aqui na questão de ser possível ou não mentir sem usar língua natural; qual nos referirmos a mentiras, será sempre aquela feita por meio de suporte linguístico.

² Excetuando-se, obviamente, casos de “mentirosos patológicos”, que podem não ter controle sobre o ato de mentir. (Mentiroso patológico: saiba o que é, como identificar e tratar. Disponível em: <<https://sbpi.org.br/mentiroso-patologico-saiba-o-que-e-como-identificar-e-tratar>. Acesso em: 23 jan. 2024.)

incorreto dizer que mentir não é um comportamento incomum ou atípico da sociedade – é um ato recorrente do cotidiano, que abrange várias situações, envolve diferentes motivações, se dá por meio de uma grande diversidade de estruturas linguísticas, e tem consequências diversas. E, em geral, as pessoas experienciam os dois lados da mentira – mentirem e serem de uma mentira.

Além de associar mentir a enganar ou iludir, esse fenômeno está comumente ligado a situações nas quais um sujeito usa de uma proposição³ para dizer algo que não condiz com a verdade – falar algo que se acredita (ou sabe?) ser falso é *mentir*. Essas duas concepções relacionadas à mentira podem levar a um entendimento de estarmos diante de um conceito único e categórico, isto é, se alguém mente, obrigatoriamente esse alguém está dizendo algo que não condiz com a verdade, se entende, portanto, que sua *intenção* é de enganar o ouvinte.

Como veremos ao longo deste trabalho, existem muitos questionamentos que podem ser feitos sobre essa concepção de mentira, entre outras coisas, porque veremos que a mentira é um conceito em abstração, já que se articula de diferentes maneiras dependendo de uma série de fatores; discussão essa presente nos capítulos 2, 4 e 5 do livro “The Oxford Handbook of Lying” de Jörg Meibauer. Se isso estiver correto, já podemos vislumbrar, por exemplo, que nem todas as pessoas nem todas as sociedades precisam necessariamente compartilhar a mesma concepção de mentira, e que tal concepção pode inclusive mudar com o tempo.

Quando se fala em mentir, a resposta automática e mais comum é “fulano enganou alguém” ou até mesmo “fulano mentiu para não falar a verdade”. Numa análise simples dessas concepções, a pessoa que mentiu *escolheu* tomar a decisão de dizer uma não-verdade, e poderíamos concluir então que isso é tudo o que há para ser dito sobre mentir, já que esta é uma decisão arbitrária e subjetiva do sujeito que está agindo. Porém, mesmo que as situações apresentadas sejam parecidas (i.e., enganar e falar inverdades), elas não se referem à mesma coisa. Concomitantemente, essa situação nos leva a crer, portanto, que sempre temos a

³ Seguindo a tradição linguístico-filosófica sobre o tema, usamos aqui “proposição” para nos referirmos ao conteúdo semântico de sentenças e enunciados linguísticos, dado que sentenças diferentes (i.e., voz ativa e passiva) podem expressar a mesma proposição. Além disso, em princípio, é o conteúdo semântico que deve ser caracterizado como mentira e não sentenças.

opção de não mentir, já que isto pode ser uma escolha, e que podemos enganar sem precisar dizer inverdades.

É nesse aspecto que desenvolver uma análise linguística para poder delimitar o conceito de mentira e oferecer uma definição clara e precisa aos termos fica ainda mais interessante.⁴

Neste trabalho, vamos considerar que o conceito de mentira está relacionado a um protótipo, ou seja, há fenômenos claramente considerados como mentira e outros que podem estar mais ou menos próximos a esse protótipo. Essas ideias são baseadas no trabalho pioneiro de Linda Coleman e Paul Kay, intitulado “Prototype Semantics: The English Word Lie” (1981), cuja proposta é analisar os significados atribuídos à palavra “mentira” por meio de pequenas histórias que possuem elementos linguísticos pensados propriamente para esse estudo, cuja função é expor o fato de que é necessária mais de uma interpretação para dar conta do entendimento de que mentir pode possuir mais facetas do que apenas enganar, por exemplo.

As definições clássicas de mentira e até mesmo a etimologia da palavra⁵ estão relacionadas a não contar a verdade, a enganar, a afirmar algo que se sabe ou suspeita ser falso, a negar o conhecimento de algo, entre outras circunstâncias próximas. Esses raciocínio, entretanto, teria qual propósito? Levar o ouvinte a acreditar em algo que o falante sabe/acredita ser falso? Ou levar o ouvinte a acreditar em algo que o falante sabe/acredita ser falso para o falante ter alguma vantagem? Ou será que existem ainda outras possibilidades?

O presente trabalho tem como foco principal desenvolver um novo olhar sobre a definição de mentir no português brasileiro a partir de uma análise semântico-pragmática baseada em respostas a um questionário, com a pretensão

⁴ Do ponto de vista linguístico, mentir não é somente um ato social atribuído a formas de agir; a concepção de mentir também abrange participações psicológicas, como, por exemplo, a mitomania (que não serão aprofundadas neste estudo), mas que colaboram para a compreensão de que nem todas as mentiras são feitas com a intenção de enganar.

⁵ Mentira vem do latim *mentiri* “enganar, dizer falsidade”. *Mentiri* faz alusão à construção de uma falsa realidade a partir de saberes sólidos. Alia-se também à palavra *mens* “mente, inteligência”. *Mens* está na raiz da palavra “mentira”, o que nos leva a inferir que o mentiroso necessita ter discernimento, porém, ao mesmo tempo, *mens* também tem o significado de “intenção”, isto é, nessa esteira, a mentira é um fruto de um empenho em enganar.

de mostrar como o leitor entende que um enunciado é uma mentira, a depender das situações nas quais esse enunciado é inserido no questionário, que podem ser tornadas precisas a partir de uma análise linguística com foco na intuição dos falantes do PB.

Como explicitaremos na sequência, este trabalho tem duas frentes: (i) uma teórico-analítica, na qual investigaremos considerações e definições linguísticas, semânticas e filosóficas sobre mentiras, avaliando sua adequação, como foi desenvolvidos, por exemplo, em trabalhos como (Danzinger, 2010) e (Hardin, 2010), além de trabalhos mais filosóficos como (Rousseaus *cit. in* PUENTE, 2002), (Kant, 2008) e (Kant, 2009); e (ii) uma frente empírica, na qual replicaremos, com dados do português brasileiro, o experimento de Coleman e Kay (1981) com o intuito de capturar os componentes do que entende por mentira no contexto de falantes de português brasileiro⁶. Se trata, como detalharemos abaixo, de um questionário a ser respondido on-line, de forma anônima, por falantes nativos do PB.⁷

Na sequência, a seção 2 traz nossa fundamentação teórica, a seção 3 apresenta o experimento e seus resultados, e, por fim, na seção 4 trazemos nossas análises a partir do resultado do experimento.

⁶ Este experimento, feito primeiro para falantes de inglês, já foi aplicado para falantes de outras línguas, com resultados diferentes (como o Árabe de Meca (Cole, 1996), dois dialetos do espanhol (Cole, 1996), o espanhol do Equador (Hardin, 2010), a língua Mopan, descendente de grupos Maias, no Belize e Guatemala (Danzinger, 2010), o Chinês (Yeung et al. 1999), a língua Samoana, na Polinésia (Aune and Walters, 1994), o Tailandês (Intachakra, 2011), o Coreano (Hee et al. 2007) e o Tzeltal, língua Maia falada em estados do México (Brown, 2002).

⁷ O projeto por trás deste questionário já foi enviado para apreciação pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos, via a Plataforma Brasil (Processo nº: 77778523.3.0000.5504).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando nos questionamos sobre o que é mentir, automaticamente, a primeira resposta com a qual nos deparamos é que mentir é necessariamente enganar. Nesta seção, iremos revelar que mentiras e mentir não possuem descrições tão simplórias e que, na realidade, podem causar confusão e desacordo com o que seria sua definição, já que, além disso, é interessante vermos que a mentira têm muitos parâmetros, como o viés psicológico, por exemplo, mas que o viés linguístico é, até o momento, pouco explorado.

Dessa forma, nos atentamos a descobrir se mentira possui ou não uma definição consensual filosófica que possa ser replicada às teorias da linguagem, tal como se existe um protótipo do que seria uma mentira “ideal” que nos permita identificar traços e/ou características dentro de enunciados para que seja viável a formulação de uma nova teoria onde exista uma maneira de identificarmos uma mentira, sem que ela seja associada a enganar.

2.1 CONCEITO DE MENTIRA

Definir o que é *mentir* e o que é uma *mentira* está longe de ser uma tarefa fácil, e é possível encontrar, desde a Antiguidade Clássica, diversas análises e propostas que têm como foco a mentira, suas definições e consequências. Em termos mais contemporâneos, no âmbito da análise linguística e da filosofia da linguagem, podemos questionar, por exemplo, se mentir é um ato de fala, qual é o conteúdo proposicional de uma mentira, se mentir é uma operação semântica sobre uma proposição, ou se é resultado de algum tipo de implicatura, se mentira é igual a inverdade e se há diferentes tipos de mentira, entre outras questões.

Entre as várias possibilidades de definição, uma das mais citadas, e ponto de partida para quem investiga temas sobre mentiras e mentir, é a chamada “Definição Agostiniana de Mentira”. Essa definição, conforme o nome indica, encontra-se nos escritos de Aurélio Agostinho de Hipona (354-430 d.C.), conhecido popularmente como Santo Agostinho.

Segundo sua abordagem, bastante tradicional e consagrada nos estudos filosóficos, mentir é enunciar algo com o conhecimento de que a informação a ser passada é falsa – ou seja, alguém só pode mentir se souber que o que diz é falso. Faz parte dessa definição um outro elemento: a intenção de quem enuncia uma mentira é *enganar* o ouvinte.

Até os dias de hoje, essa concepção de mentira, pelo menos na percepção mais geral, não sofreu grandes alterações, pois, em uma pesquisa rápida na internet, facilmente podemos encontrar o mesmo significado para mentira aventado por Santo Agostinho, porém em outros termos, como: “Mentira é a afirmação de algo que se sabe ou se suspeita ser falso”; “Negar conhecimento sobre alguma coisa”; “Não contar a verdade”; “o ato de enganar, iludir”.

Numa visão que podemos associar de maneira mais próxima às análises linguísticas sobre mentira (e do ato de mentir), como mencionamos, há quem relacione mentir a atos de fala, nos moldes das teorias de John L. Austin (1911-1960), como expressas em “How to do things with words” (1962), desenvolvidas posteriormente por John Searle (1932-), em “Speech acts, an essay in the philosophy of language” (1969); há também quem associe mentiras ao resultado de implicaturas conversacionais (WIEGMANN, 2022).

No caso de uma abordagem de atos de fala, mentir seria um ato ilocucionário como é, por exemplo, perguntar, prometer e declarar algo; dito de outra forma, haveria uma força ilocucionária específica associada a mentir. O falante que mente, nesse caso, se compromete com a verdade de um enunciado que sabe ser falso, e espera que o ouvinte, como seu ato perlocucionário, comporte-se como se o enunciado recebido fosse verdade. Como a literatura demonstra (Hardin, 2019, pg. 56), há pontos positivos e negativos com essa abordagem, mas ela não será nosso foco nesta pesquisa.

Implicaturas, por sua vez, são algo que o falante implica ou que habilita o ouvinte a inferir a partir de um dado enunciado, mesmo sem expressar literalmente o conteúdo dessa inferência. Comumente, as implicaturas são divididas em dois tipos básicos: conversacionais e convencionais. As implicaturas convencionais estão presas ao significado convencional de certos itens ou construções, o que as

diferencia das implicaturas conversacionais, que não dependem do significado usual, convencionalmente atribuído a certas estruturas linguísticas. Além disso, as implicaturas conversacionais se dividem em distintas categorias: as generalizadas, cuja dependência de fatores contextuais é muito pequena, e as particulares, que dependem mais profundamente de informações contextuais.

Uma abordagem para mentiras baseada em implicaturas as associaria a implicaturas conversacionais particularizadas (de modo similar aos estudos sobre ironia). Exemplos dessa abordagem podem ser vistos, por exemplo, em “Lying with the deceptive implicatures?” de Alex Wiegmann (2022) ou em “Lying and falsely implicating” de Jörg Meibauer (2004). Ainda assim, não é óbvio como caracterizar mentiras como implicaturas dado que, entre outras características da mentira, ela não pode ser cancelada ou anulada como uma implicatura, em princípio, pode ser. Determinar qual é a máxima griceana envolvida em mentiras também não é uma tarefa simples, justamente por não ser muito claro, com essa estratégia, como separar mentiras de ironias, dado que ambas podem ser pensadas como violando máximas griceanas de qualidade e quantidade.⁸

É comum o conceito de mentira ser associado à definição de inverdade, pois ambas as palavras possuem um contexto social de uso e aceção semelhante, mas é importante notar que elas não abrangem os mesmos significados. Inverdade é definida como uma condição do que não possui verdade, inexatidão, falsidade e só em alguns aspectos pode ser associada à mentira. Santo Agostinho nos revela sua concepção de mentira como, efetivamente, enganar outra pessoa, e, se analisarmos suas proposições como sendo inverdades, formando uma comparação, podemos ver que não são todas as possibilidades que coincidem, já que é possível mentir por omissão, por exemplo, e isso não envolve necessariamente inverdade. Para exemplificar, João saiu do trabalho, foi ao mercado e depois encheu a cara num bar. Maria pergunta para João: “Onde você foi depois do trabalho?”, e ele responde “No

⁸ Máximas podem ser consideradas formas de descrever e explicar normas ou princípios conversacionais e de interação. A máxima griceriana de qualidade é subdividida em duas máximas mais específicas no que se referem a afirmar apenas coisas verdadeiras: “não afirmar o que você acredita ser falso” e “não afirmar algo para o qual você não possa fornecer evidência adequada”. Já a máxima griceriana de quantidade relaciona-se à quantidade de informação que deve ser fornecida numa mensagem: “faça com que sua mensagem seja tão informativa quanto necessária para a conversação” e “não dê mais informações que o necessário”.

mercado”. João não disse uma inverdade, pois realmente foi ao mercado, mas ocultou que, após o mercado, foi a um bar, e é justamente por isso que muitas pessoas considerariam sua resposta como uma mentira, mas não necessariamente como uma inverdade. Essa análise nos permite observar que existe uma diferença, mesmo que, às vezes, sutil, entre mentira e inverdade, o que nos faz concluir que ambas as definições, mentira e inverdade, não possuem o mesmo valor semântico, isto é, o significado atribuído a esses conceitos se diferenciam sob determinados contextos.

Voltando ao âmbito da filosofia, há, como mencionamos, inúmeros estudos sobre a mentira. Por exemplo, o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), um dos principais pensadores do iluminismo e considerado um dos maiores pensadores da era moderna, tem a mentira como um tema recorrente em suas obras e afirma, por exemplo, que a mentira corrompe a raiz de todas as coisas humanas, numa definição com um teor mais moralista de mentira.

Numa concepção na esteira kantiana, quando se fala sobre o direito de mentir, a verdade é própria, ou seja, a verdade é uma questão lógica e objetiva, não psicológica; a verdade não é algo subjetivo que pode, ou não, pertencer a um indivíduo. Em vista disso, um indivíduo não pode mentir em nenhuma hipótese, pois a mentira induz o ouvinte a praticar ações que não correspondem à sua própria vontade, e sim à vontade do falante que proferiu uma não-verdade, privando o ouvinte de suas ações lógicas e de sua total liberdade de ação.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), também filósofo, além de teórico, político e compositor franco-suíço, foi um dos maiores críticos da filosofia iluminista. Considera raro e difícil que uma mentira seja completamente inocente, pois, quando se mente para ter vantagem própria, temos uma impostura; quando se mente para outro ter vantagem, é fraude; e mentir para prejudicar é calúnia, considerada por ele como a pior espécie de mentira. Em um de seus textos, “Devaneios do Passeante Solitário” (1782), por exemplo, Rousseau expõe sua clara abominação à figura da mentira, pois alega que a vítima não deve ser prejudicada e sofrer as consequências pela força de suas palavras mentirosas.

Tal como Rousseau, Tomás de Aquino (1225-1274), frade católico italiano e

filósofo, diferencia três tipos de mentira: (i) a viciosa, que intenta enganar por um fim vil; (ii) a mentira oficiosa, que visa algum bem; e (iii) a jocosa, que pretende divertir ou entreter. Em sua opinião, todas as mentiras são erradas, consideradas pecado, porque têm a intenção de enganar o próximo, mas apenas mentiras para fazer o mal são acatadas como pecados mortais. As duas últimas mentiras destes exemplos, jocosa e oficiosa, são consideradas pecados veniais, isto é, não são muito graves; mesmo moralmente incorretas, podem ser perdoáveis.

Essa breve exposição apresenta alguns dos principais temas linguísticos e filosóficos envolvidos nos estudos sobre mentira, e será importante para os desenvolvimentos que mostraremos posteriormente. Por ora, voltando para a definição agostiniana de mentira, que, como dissemos, é um ponto de partida importante, notamos mais precisamente que ela é formada por dois elementos:

- I) O falante *sabe* que o enunciado é falso.
- II) O falante tem a intenção de *enganar* o ouvinte.

Como vimos, ambos elementos aparentam estar correlacionados numa visão comum e estereotipada de mentir, porém, em (I), o fator principal é o falante compreender que o que diz é falso, uma não-verdade. Isso nos leva à conclusão precipitada de que, se o falante tem consciência da falsidade do seu dizer, conseqüentemente, há a pretensão de iludir o ouvinte. Contudo, apesar de admitir que o dizer é falso, apenas com (I) não é possível afirmar que o falante que mente tem a intenção de enganar, pois ele não está necessariamente tentando convencer o ouvinte de que o que ele está dizendo é verdade. Já com (II), a situação é diferente, pois, ao afirmar que a intenção do falante é enganar o ouvinte, o enunciado é adaptado para que o destinatário seja convencido de que o que está sendo dito é verdade. A definição agostiniana liga (I) a (II) de modo direto.

É interessante notar que esse segundo elemento (II) serve de pauta para debates contemporâneos na atribuição de comportamento tanto do falante quanto do ouvinte sobre o que constitui uma mentira e o ato de mentir, e as críticas se centram em haver ou não necessidade de enganar o ouvinte para termos uma mentira. Ou seja, alguns filósofos contemporâneos defendem que basta estarmos

diante de (I) para termos uma mentira, como Stokke (2018) e Kant (1724-1804).

Trazemos, então, duas pequenas situações para elucidar as críticas contemporâneas à definição agostiniana de mentira. O filósofo da linguagem, Andreas Stokke, em seus trabalhos, por exemplo, propõe o seguinte cenário:

Uma estudante, acusada de colar em uma prova, é chamada no escritório da diretora. A estudante sabe que a diretora tem o conhecimento de que ela, de fato, colou, mas também sabe que a diretora não irá puni-la, a menos que a aluna admita explicitamente sua culpa. A aluna afirma que não colou. Embora a estudante diga algo que acredita ser falso, ela não tem a intenção de enganar a diretora. Mesmo assim, a estudante está mentindo. (STOKKE, 2018, p.18-19)⁹

Segundo Stokke (2018), essa pequena história já seria o suficiente para questionar a teoria pré-concebida de que mentir envolve obrigatoriamente enganar alguém. Por um lado, é fato que a aluna está mentindo, afirma o filósofo. Mas, considerando que ela tem plena consciência de que a diretora também sabe que ela está mentindo, não há mais a intenção de enganar (por meio da mentira contada) - ora, se enganamos alguém por meio de uma mentira porque levamos o ouvinte a acreditar que o que dissemos é verdade, na situação relatada isso não pode acontecer simplesmente porque o ouvinte já sabe que está ouvindo uma mentira. A análise, portanto, é de que todos os componentes dessa mentira são explícitos, ou seja, a mentira existe e as pessoas sabem disso, porém, o foco neste caso é a aluna mentir para buscar uma maneira de se livrar de uma situação, e não é possível dizer que a aluna está enganando a diretora. Ou seja, estamos diante de uma mentira que não envolve enganar.

Mais um exemplo que podemos inserir nesta situação é: suponhamos que João minta, dizendo A para Pedro, porque João acredita que A é falso. Mas, depois de um tempo, João descobre que A era verdade. João, de fato, mentiu?

⁹ No original: "A student accused of cheating on an exam is called to the Dean's office. The student knows that the Dean knows that she did in fact cheat. But as it is also well known that the Dean will not punish someone unless they explicitly admit their guilt, the student says, I didn't cheat. Although the student says something she believes to be false, she does not intend to deceive the Dean. Even so, the student is lying".

Neste caso, a análise nos leva a outro caminho, pois a mentira passou a existir a partir do momento em que João acreditou que o que estava enunciando era uma não-verdade. Porém, ao descobrir que o que disse, na realidade, não era falso, o caráter do discurso de João muda, porque acreditar que uma coisa é falsa e saber que algo é falso são dois estados epistêmicos diferentes. Na história de João, ele acreditava que o que dizia era falso, o que nos leva a crer que sua intenção não era enganar Pedro; porém, sem saber, João enganou Pedro dizendo algo que era factualmente verdadeiro (apesar de João acreditar ser falso). O que ocorreu, na verdade, foi um equívoco, mas esse equívoco pode ser considerado uma mentira? A intenção do João, neste caso, conta mais para termos uma mentira do que seu estado epistêmico sobre o que efetivamente disse?

Concomitantemente a isso, ainda em (I), não podemos deixar de apontar o fato de o falante saber sobre a falsidade do que será dito. Portanto, se eu sei que estou mentindo, deve haver uma razão para que eu mantenha o meu enunciado como “real”, independente de qual seja ela: para bem próprio; para fazer uma pegadinha; para fazer uma piada; para me livrar de uma situação complicada; para evitar ter que elaborar uma resposta mais precisa; etc.

Além disso, é importante afirmar que não só o falante é impactado pela mentira nestes casos; o ouvinte é seu alvo principal e, por isso, devemos refletir também sobre as consequências de mentir, que não afetam apenas o falante, mas também, o ouvinte.

Ao se falar em consequências, não podemos dizer que o falante é, necessariamente, um algoz para o ouvinte, já que as distintas situações citadas acima podem facilmente consistir em um dos motivos pelos quais uma pessoa mente. Todavia, o que para o falante tem uma consequência – há uma determinação cotidiana de que consequência possui um aspecto negativo, mas na verdade, consequências possuem parcialidade entre o bom e o ruim –, para o ouvinte geralmente se transforma em um prejuízo, pois, ao fim, ele é quem lida com as consequências (negativas) da mentira do falante.

Com base nesse tipo de contato, Stokke (2018) se posiciona contra a Definição Agostiniana de Mentira – que considera que alguém só pode mentir (I) se

souber que o que diz é falso e (II) se tem a intenção de enganar ao dizer uma falsidade. O exemplo da aluna que mente sobre colar na prova é interessante para que possamos compreender esse ponto: a aluna mente dizendo que não colou e a diretora sabe que ela está mentindo, mas não tem como provar. Assim sendo, para o filósofo mentir é apenas cumprir com (I).

A Definição Agostiniana não poderia classificar essa situação como uma mentira, justamente porque não há nenhuma enganação envolvida – se a diretora sabe que a aluna está mentindo, e a aluna sabe disso, como pode haver enganação? Porém, Stokke (2018) considera que tal situação, mesmo não cabendo na definição agostiniana, de fato exemplifica uma mentira; na verdade, segundo o autor, estamos diante de uma “mentira deslavada”.

A mentira deslavada, (em inglês, *bald faced lies*) é entendida como uma mentira sem muita preparação, que contém certo atrevimento, porque quem mentiu não teve a preocupação de forjar uma situação em que a mentira não fosse tão óbvia, ou mesmo preocupação em proteger sua face enquanto mentiroso.

Essa reflexão traz ainda uma outra questão bastante importante com relação à mentira, que é pensar em tipos diferentes de mentira, para além de “mentiras deslavadas”, podemos pensar também se há enunciações mais mentirosas que outras - mentiras podem variar em grau, por exemplo?

Stokke (2018) debate, entretanto, que é indiscutível a existência de outras maneiras de enganar as pessoas ao nos desvincularmos da estrutura citada acima, que se resume a fazer alguém acreditar que algo é falso, já que esta é bastante limitante. O exemplo da aluna por si só se desvincilha dessa proposta, como analisado previamente. Porém, apesar de defender o fato de que mentir não se resume a enganar e que a definição agostiniana de mentira parece não dar conta de todos os casos e precisa ser substituída, Stokke argumenta que, sua definição de mentira seria explicada como: mentiras são, na verdade, informações desacreditadas, isto é, mentir não requer dizer algo que é, de fato falso, mas apenas dizer algo que alguém acredita ser falso.

Segundo essa visão, é insuficiente mentir quando alguém diz algo em que

não consegue acreditar. Isso quer dizer que podemos mentir mesmo que o que dizemos acabe sendo verdade. Trata-se do que é chamado de mentiras verdadeiras (em inglês, “*true lies*”).

Essa breve exposição sobre as análises linguísticas e filosóficas do que vem a ser mentira e mentir já é suficiente para mostrar que estamos diante de conceitos que desafiam definições únicas e globais. A partir do momento em que temos casos mais complexos e análises mais refinadas, notamos que mentir não se resume apenas em enganar um outro alguém, nem sabemos se para mentir o falante tem que *saber* que algo é falso ou tem que *acreditar* que é falso. Essas reflexões nos levam também a questionar se mentira pode ser definida categoricamente, ou se estamos diante de um conceito diversificado e multifacetado, que se apoia, por exemplo, em protótipos; veremos mais sobre esse tópico na próxima seção.

2.2 MENTIRA: CATEGÓRICA OU GRADUAL?

Entre as várias questões sobre mentiras e mentir que vimos acima, mesmo mentira tendo várias funções, ainda não validamos a ideia de que há situações e enunciados que são mais claramente mentiras do que outros. Em resumo, mentir pode ser, na verdade, algo gradual, ou seja, pode ser que existam mentiras mais claramente definidas como tal do que outras. Assim, ao lado das várias perguntas que apresentamos acima, existem as seguintes perguntas, que serão o foco deste projeto: mentiras são graduais ou categóricas? Se forem graduais, quais são os “componentes” da mentira? O que torna algo mais mentira do que outros? Em suma, quais os ingredientes da “mentira prototípica” para falantes de PB?

Antes de lidarmos precisamente com o protótipo de mentira, é interessante fazer uma breve incursão sobre protótipos e seus usos na teoria linguística; faremos isso na próxima subseção.

2.2.1 PROTÓTIPOS EM LINGUÍSTICA

A primeira definição de protótipo, voltada para o campo de protótipos

semânticos, surgiu em meados da década de 1970 com a pesquisa em psicolinguística de Eleanor Rosch, sobre a estrutura interna das categorias. A essência de uma concepção prototípica de estrutura de categorias se baseia em quando pessoas criam categorias para classificar as coisas e atribuem o mesmo rótulo a esses elementos que não são totalmente idênticos, mas consideravelmente semelhantes. Rosch utiliza da citação da história infantil de Pedro e o Lobo (1936), de Serge Prokofiev, para exemplificar categorias:

“Que tipo de pássaro é você, se não pode voar?”, disse o passarinho ao pato. “Que tipo de pássaro é você, se não pode nadar?”, disse o pato e mergulhou (Prokofiev, 1936).¹⁰

Neste exemplo, o pato observa que o passarinho (podendo ele ser uma maritaca ou até mesmo um bem-te-vi) não é capaz de nadar, da mesma forma que o passarinho observa que o pato não pode voar, mas, independentemente dessas características, ambos são considerados e denominados como aves. Criaturas como aves parecem compartilhar as mesmas características como “animal”, “penas”, “asas”, “pôr ovos”, entre outras. Algumas dessas características, entretanto, não permitem uma distinção muito clara de outras categorias, como cobras, por exemplo, que também podem pôr ovos, mas não são aves. Dessa forma, a categorização de um quiuí, como uma ave, por exemplo, uma vez que ele, como animal, compartilha algumas das características acima com outros “tipos” de aves, não seria clara o bastante, isto é, a aplicação de uma análise de componentes não é a maneira ideal de categorização, visto que permite limites difusos para o que se quer representar.

Em um experimento conduzido por Rosch, foi dado a um certo número de participantes uma lista de itens e lhes foi solicitado um ranking desses itens de acordo com o grau de tipicidade considerado para cada categoria. Os resultados analisados foram bastante coerentes, já que houve concordância entre grande parte dos participantes sobre os itens que consideravam como exemplos bons de uma categoria específica. Por exemplo, há uma concordância de que andorinhas e

¹⁰ “What kind of bird are you, if you cannot fly”, said the little bird to the duck. “What kind of bird are you, if you cannot swim”, said the duck and dived”. (Prokofiev, 1936.)

rouxinois são considerados os elementos mais típicos de uma categoria, pois se enquadram na maior parte das características (penas, pôr ovos, voar) do conjunto de animais que denominamos como aves, enquanto avestruzes e pinguins são considerados como menos típicos, já que se enquadram no grupo das aves por terem penas e botarem ovos, mas não são capazes de voar. A cada categoria em que um elemento não se encaixe, ele vai perdendo o grau de tipicidade esperado para determinado grupo.

Esse experimento nos mostra que naturalmente pensamos nos elementos mais típicos de uma categoria, pois é um exemplo que representa a maior parte das características mais recorrentes, que, na terminologia de Rosch, é chamado de protótipo. Isso se dá porque o protótipo, muitas das vezes, pode ser a primeira associação que nos vem à cabeça quando pensamos em uma categoria, isto é, julgamos a “aparência”, o que avistamos primeiro e podemos considerar a marca primordial de um elemento, como o fato das aves terem penas.

2.2.2 PROTÓTIPO PARA MENTIRA

Em nossa pesquisa, trabalharemos com um protótipo que avalie a teoria de que mentira pode ser um conceito definido a partir de uma gradualidade. Esse protótipo expressa as características mais salientes de uma categoria conceitual, isto é, o principal membro a ser estudado. Numa primeira análise prototípica de ‘mentira’, a primeira coisa que nos vem em mente é, provavelmente, a ideia de dizer algo que não é verdade. Isso, entretanto, pode não ser a forma mais adequada ou útil de definição, já que frequentemente as pessoas dizem coisas que não se qualificam como verdades, mas tampouco podem ser chamadas de mentiras quando o falante tenta, de maneira sincera, transmitir o que ele acredita ser uma informação verdadeira. Erros assim, como interpretações incorretas do que é dito, ocorrem com frequência e não são rotulados necessariamente como mentiras.

Além disso, ainda existe uma quantidade significativa de outros enunciados que não gostaríamos de chamar de mentira, mesmo que não sejam (literalmente) verdade. Casos de figuras de linguagem, como metáforas (“Você é um porco”), sarcasmo (“Que gênio você, hein?”) e hipérboles (“Está tão quente que eu poderia fritar um ovo na calçada”) diferem dos casos em que o falante está induzindo o

ouvinte a acreditar que o que ele está dizendo é verdade, mesmo que não seja. Isso nos traz, então, a definição de mentira “ideal”, quando o falante (F) afirma uma proposição (P) para um ouvinte (O) (COLEMAN, L.; KAY, P., 1981, p.28):

(1)

- a. P é falso.
- b. F acredita que P é falso.
- c. Ao enunciar P, F pretende enganar O.

A definição acima, determinada como uma *mentira prototípica* é caracterizada por: a) falsidade, que é b) deliberada e c) destinada a enganar. Dado os três elementos dessa definição, concluímos que todos os enunciados que possuem essas três características seriam considerados mentiras completas (ou prototípicas) e o enunciado que romper com algumas dessas características ainda poderia ser classificado como mentira, mas não com tanta clareza, pois seria uma mentira “incompleta”, que se distancia do protótipo.

Paul Kay e Linda Coleman, desenvolveram uma investigação a respeito de uma visão semântica prototípica do significado da palavra mentira. Em seu estudo, os autores buscaram mostrar que esse fenômeno prototípico pode ser encontrado na semântica de palavras que se referem a coisas menos concretas, como, neste caso, um tipo de ato de fala, nomeado como mentira. Formularam o protótipo do conceito de mentira com base nos três traços semânticos vistos acima, articulados a partir de oito pequenas histórias que exprimem diferentes maneiras de como uma mentira pode ser aplicada e analisada.

As histórias do experimento foram, então, construídas descrevendo situações e atos de fala que incorporavam cada uma das oito combinações possíveis (Tabela 1) desses três elementos, os quais foram apresentados em assuntos diferentes e julgados de acordo com os dizeres das personagens relevantes à história, podendo ser apontado pelos sujeitos que analisam as histórias se houve ou não mentira, e com qual grau de certeza. O padrão das respostas de julgamento sobre se as histórias relatam ou não mentiras levou os autores a identificarem quais desses

elementos são mais relevantes para determinar o protótipo de mentira para falantes de inglês.

Mesmo que nem todos os exemplos citados abaixo possam ser classificados como mentira, eles contêm um ou mais dos elementos 1.a-c. Por exemplo, a mentira social comum, aquela que não possui necessariamente o intuito de enganar, é frequentemente proferida em situações em que possa ser verdade: o ouvinte não tem como saber nem se interessa em saber. Entretanto, esse fenômeno também acontece com frequência quando o ouvinte já sabe que a sentença é falsa. Qualquer situação em que a polidez exija alguma nota, alguma observação, pode produzir uma mentira social:

(2)

- a. Que festa adorável!
- b. O jantar foi ótimo.
- c. Oh, você escreveu aquele artigo sobre mentir? Achei extremamente interessante.
- d. Que bom ver você!
- e. Apareça a qualquer momento.

Para o preenchimento dessa função social, F não precisa enganar O.

No entanto, outros dois elementos estão presentes: F não acredita no que diz e a sentença é, de fato, falsa. Alguns leitores deste estudo, sob essa análise, decidem que o que chamamos de mentiras sociais não são mentiras de acordo com seu entendimento; outros irão discordar e outros talvez ainda achem uma questão muito difícil de se resolver. Essa variação interpessoal, acoplada com a incerteza intrapessoal sobre a aplicabilidade de uma palavra a eventos do mundo real, parece característica de casos em que alguns elementos do protótipo estão presentes e outros ausentes. Essa situação se configura como um argumento a favor de uma abordagem para mentira baseada em protótipos.

Por exemplo: Maria está saindo de casa, pois quer comprar um presente de natal para o marido, José. Quando ele lhe pergunta para onde vai, ela pode responder:

- (3) A loja de sapatos está com uma promoção e preciso de novos.
- (4) Acabou a pimenta do reino.
- (5) Para a loja.

É totalmente plausível que a loja de sapatos esteja em promoção e que os sapatos de Maria estejam desgastados e ela precise de novos. Entretanto, com a sentença 3, Maria dá a entender a José que ela vai comprar sapatos novos, o que não é verdade. Muitas pessoas classificariam essa situação como uma mentira, ao mesmo tempo em que outras não, pois, nestes casos, as sentenças cumprem apenas a condição c) - Falante tem pretensão de enganar.

Esta forma de “enganação”, com o intuito de dizer meias verdades é uma maneira comumente utilizada por pessoas que desejam se proteger de acusações subsequentes ao terem dito uma não-verdade.

Essa situação nos leva a crer, então, que a mentira social que não engana ninguém não é considerada uma mentira “completa”, já que não usa todos os elementos 1a-c no enunciado.

Dessa forma, podemos, portanto, dizer que existem tipos diferentes de mentiras e que elas podem ser caracterizadas de acordo com os elementos principais que constituem uma mentira típica. Em outras palavras, a mentira se adequa a um protótipo de gradualidade, pois, se mesmo quando o que é enunciado ainda é visto como uma mentira, até quando o que é dito não se embasa nas 3 características principais que tornam uma sentença uma mentira “completa” ou típica.

2.2.3 O EXPERIMENTO DE COLEMAN E KAY (1981)

Coleman e Kay (1981) tentaram explicar a natureza gradual da mentira em seu pioneiro artigo sobre a definição de “protótipo de uma mentira”. A definição proposta é a de que a mentira prototípica instanciará o que está em (1a)-(c). Essa definição implica, portanto, que uma sentença que ocorre numa situação que contém os três elementos necessários seria considerada a mentira “prototipicamente perfeita” e que um enunciado sem um ou mais desses elementos ainda poderia ser classificado como mentira, mas de um grau inferior. Para testar essa hipótese, como

mencionamos acima, os autores desenvolveram um questionário contendo oito histórias com diferentes alterações desses três elementos.

Dado os três elementos em (1a)-(c), cada um pode estar presente ou ausente, em um número total de configurações equivalentes a 8, como mostra-se no exemplo abaixo:

TABELA 1

Histórias	P é falso	F acredita que P é falso	F pretende enganar O	Conclusão
H1 P	+	+	+	É mentira
H2 P	-	-	-	Não é mentira
H3 P	+	-	+	É mentira
H4 P	-	+	+	É mentira
H5 P	+	+	-	É mentira
H6 P	-	-	+	É mentira
H7 P	+	-	-	É mentira
H8 P	-	+	-	É mentira

Com base no trabalho de Coleman e Kay (1981), construímos um questionário contendo também 8 diferentes histórias, com foco na análise da mentira voltada aos falantes do PB, cada uma expressando uma das diferentes configurações propostas dos três elementos.

Cada história tem um enunciado entre aspas, que os sujeitos participantes foram solicitados a avaliar, escolhendo um número de 1 a 7, como é aplicado ao questionário original, sendo eles equivalentes a:

1. Tenho certeza de que **não** é mentira;
2. Talvez **não** seja mentira;
3. Tenho dúvidas de que **não é** mentira;
4. Não sei;

5. Tenho dúvidas de que **é** mentira;
6. Talvez **seja** mentira;
7. Tenho certeza de que **é** mentira.

A razão pela escolha particular de uma escala de avaliação se dá pela ideia de que é desejado obter uma “gradualidade de mentira” ou gradualidade de informação que certamente apontaria àquela história como contendo uma mentira.

As histórias I e II foram usadas como um controle igualitário de representação, isto é, a primeira é uma mentira comum, contendo todos os elementos propostos em (1a)-(c), enquanto a segunda é uma sentença verdadeira, que não contém nenhum dos elementos do protótipo (1a)-(c).

Seguem abaixo, 2 exemplos das histórias apresentadas no questionário, numa tradução autoral. As demais, se encontram no anexo ao final deste trabalho:

(I) Caio comeu o bolo que Julieta pretendia servir na empresa. Julieta pergunta a Caio, “Você comeu o bolo?”. Caio responde, “Não”. **Caio mentiu?**

(II) Diego, João e Marcos estão jogando golfe. Marcos pisa na bolinha de Diego. Quando Diego chega e vê a bola afundada no gramado, pergunta: “João, você pisou na minha bolinha?”. João responde: “Não, foi Marcos que pisou”. **João mentiu?**

3. O EXPERIMENTO EM PB E SEUS RESULTADOS

O experimento, como dito anteriormente, foi baseado no questionário elaborado por Coleman e Kay (1981) é aplicado a falantes de inglês. No caso, o questionário que elaboramos foi aplicado a uma parcela de falantes do português brasileiro, composta por 72 pessoas. Com esses sujeitos é possível determinar uma previsão inicial de gradualidade de mentira no PB e o traços de seu protótipo, já que os participantes possuem diferentes idades e formações acadêmicas, o que nos proporcionou diferentes resultados, até mesmo em relação às respostas apresentadas à língua inglesa, de Coleman e Kay (1981), como será mais bem detalhado nas seções subsequentes.

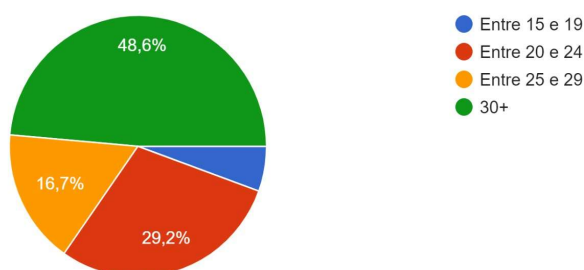
3.1 SUJEITOS DO EXPERIMENTO

Antes de mais nada, é importante salientar que os sujeitos participantes da nossa pesquisa são anônimos. As informações obtidas dos participantes são úteis para uma análise futura, a respeito de resposta dada em contraste com formação acadêmica, por exemplo, mas nada que seja possível identificá-los.

Recebemos ao total **72 respostas**, sendo os sujeitos divididos entre três categorias: idade, formação acadêmica e gênero.

Abaixo, é possível observar as divisões em cada parâmetro indicado:

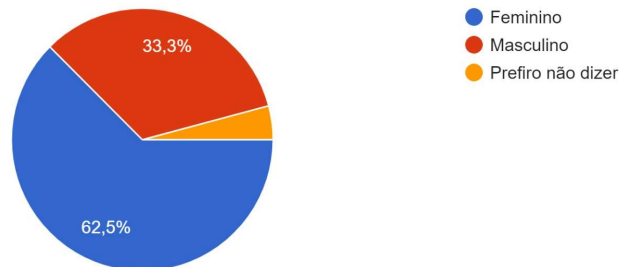
Idade
72 respostas



As idades escolhidas para a representação deste gráfico foram pensadas a partir de participantes ingressantes no ensino superior e/ou com a graduação concluída.

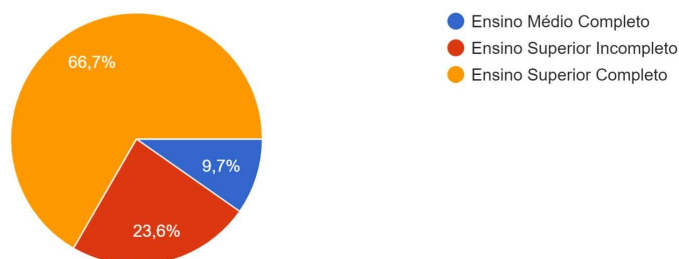
A seguir, apresentamos a distribuição dos sujeitos do experimento quanto ao seu gênero:

Gênero
72 respostas



Por fim, apresentamos a distribuição por formação acadêmica, que pode ser interessante para uma análise futura e mais detalhada com relação a interpretação das histórias de acordo com as respostas estimadas:

Formação
72 respostas



Passemos a seguir a considerar mais características do experimento e das respostas obtidas.

3.2 PREVISÃO PROTOTÍPICA

A previsão esperada nos resultados do formulário se baseia na tabela 1, apresentada acima; sendo assim, as histórias que contém mais positivos para características apresentadas como definidores de mentiras, são consideradas “mentiras mais completas” ou “mais mentira” que as histórias que trazem menos dessas características. Isso se dá pois quanto mais a história enunciada adquire

cada uma dessas características, mais próxima ela fica da elaboração de uma mentira prototipicamente perfeita.

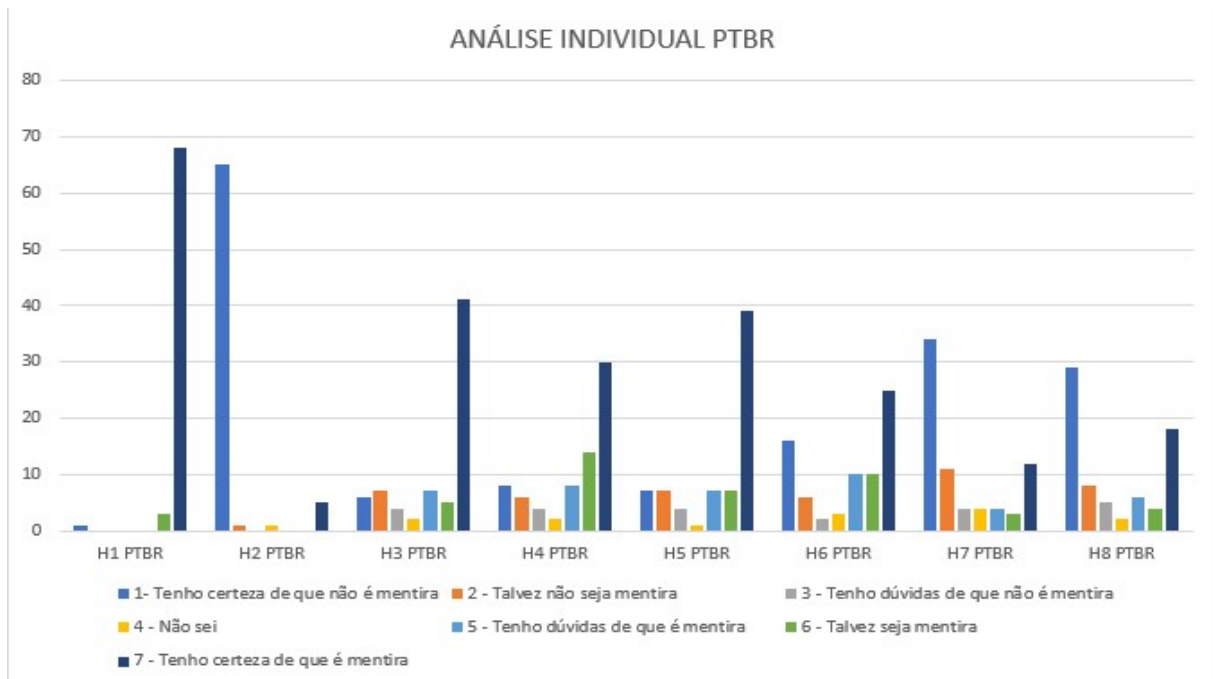
A Tabela 2 apresenta as respostas para cada história do português brasileiro; na sequência, o Gráfico 1 representa graficamente a mesma informação.

Tabela 2¹¹

HISTÓRIAS/ RESPOSTAS	1	2	3	4	5	6	7
H1 PB	1	0	0	0	0	3	68
H2 PB	65	1	0	1	0	0	5
H3 PB	6	7	4	2	7	5	41
H4 PB	8	6	4	2	8	14	30
H5 PB	7	7	4	1	7	7	39
H6 PB	16	6	2	3	10	10	25
H7 PB	34	11	4	4	4	3	12
H8 PB	29	8	5	2	6	4	18

¹¹ Os números apresentados na tabela referem-se às possibilidades de resposta no formulário, sendo: 1: Tenho certeza de que não é mentira; 2 - Talvez não seja mentira; 3 - Tenho dúvidas de que não é mentira; 4 - Não sei; 5 - Tenho dúvidas de que é mentira; 6 - Talvez seja mentira; 7 - Tenho certeza de que é mentira.

Gráfico 1:



Para facilitar a visualização das histórias, considerando que faremos uma comparação com as mesmas na língua inglesa, decidimos categorizar as histórias da seguinte maneira: “H” seguido de um número de 1 a 8 indica de qual história estamos falando; esse número então é seguido por “I” para indicar as histórias em inglês e por “PTBR” para indicar as histórias traduzidas para o português brasileiro.

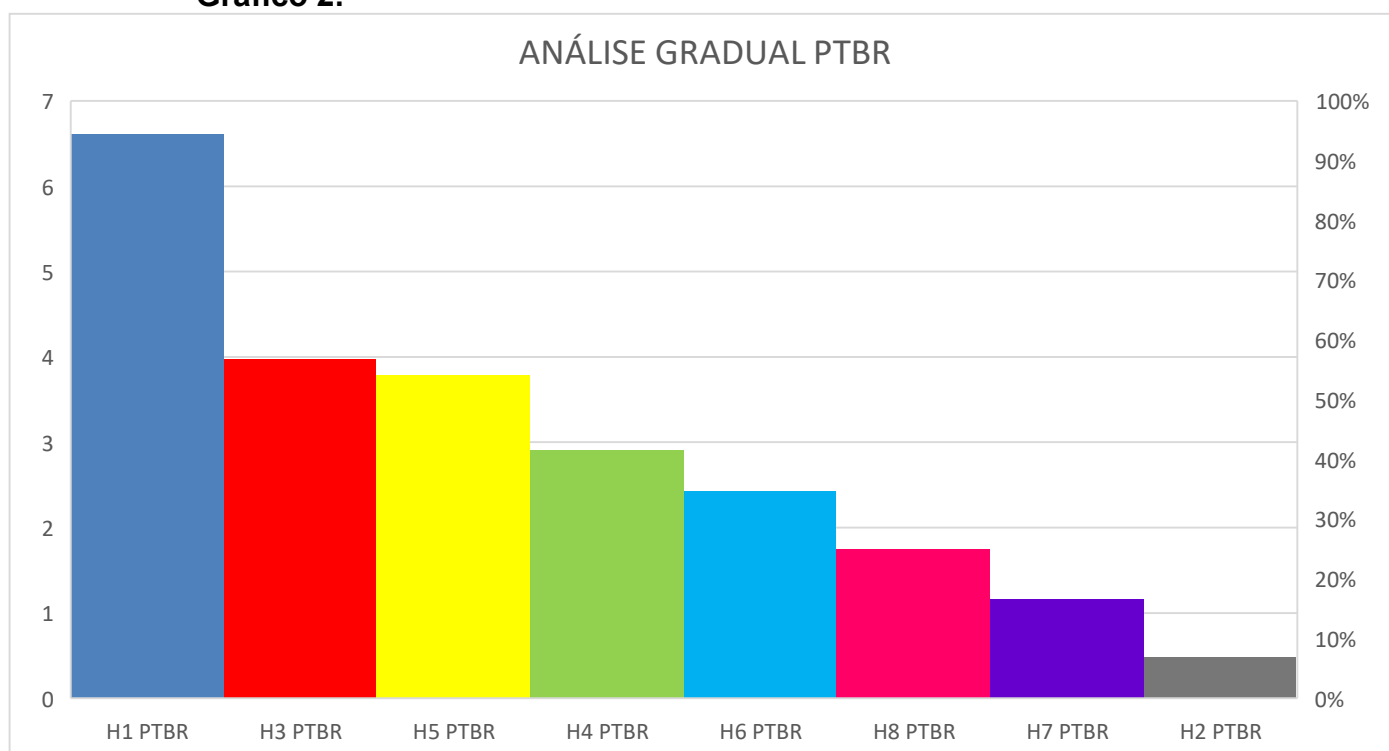
Dessa forma, é possível afirmar, tal como Coleman e Kay (1981) fizeram, de que as duas primeiras histórias, - H1 que contém todas as características necessárias para a construção de uma mentira prototipicamente perfeita e H2 que não contém nenhuma das características - são aquelas cujos resultados são mais claramente visíveis, pois as respostas se localizam em ambas as extremidades do espectro de respostas possíveis, que indicam se as histórias são mentiras ou não.

Para as outras histórias, entretanto, é possível ver que os resultados, mesmo às vezes concentrados em extremidades, começam a se difundir entre as outras respostas, o que nos mostra que as histórias que não possuem todas as características de mentiras prototipicamente perfeitas, podem causar certa confusão.

O fato é que as histórias, exceto a número 2, carregam algum traço de mentira, pois possuem, pelo menos, um elemento positivo dentre as características necessárias para se considerar um enunciado uma mentira.

No gráfico abaixo, observamos, uma escala que traz uma representação em porcentagem na qual 7, que representa o total de opções a serem escolhidas para responder cada questão no formulário, equivale diretamente a 100%. O cálculo utilizado para montarmos uma proporção viável, foi uma média das respostas de cada história, seguindo o mesmo princípio utilizado por Coleman e Kay (1981; pg 33)

Gráfico 2:



Portanto, para formarmos uma escala que mostre o máximo de pontuação que cada história pode receber, baseada na quantidade de sujeitos participantes, é necessário multiplicar 7, a quantidade de respostas possíveis em cada história, por 72, a quantidade total de participantes desta pesquisa piloto. A pontuação máxima é de 504 e a mínima 72, respectivamente. Em seguida, para conseguirmos a pontuação total é necessário multiplicar as respostas da Tabela 2, da coluna “Tenho certeza de que é mentira”, por 72 (quantidade de participantes), para sabermos se a

probabilidade numérica alcançada está mais próxima da pontuação máxima ou da pontuação mínima. Na tabela abaixo, podemos ver com mais clareza os resultados.

Tabela 3:

HISTÓRIA	TOTAL	MÉDIA (TOTAL/72)
H1 PTBR	476	6,61
H2 PTBR	35	0,48
H3 PTBR	287	3,98
H4 PTBR	210	2,91
H5 PTBR	273	3,79
H6 PTBR	175	2,43
H7 PTBR	84	1,16
H8 PTBR	126	1,75

Por fim, para termos a média dessas respostas, precisamos dividir a pontuação total por 72, a quantidade de participantes. A pontuação média de cada história indica o grau que os sujeitos consideram a história uma mentira.

Ao retomar o raciocínio de que 7 equivale a 100%, informamos que é apenas uma maneira de clarificar a questão, já que 7 é o número mais alto e total que essa média pode atingir, indicando a prototipicidade de uma mentira, como foi apresentado no Gráfico 2.

Nosso objetivo, com essa análise, é descobrir se uma ou duas das características apresentadas na Tabela 1 é mais relevante do que outras, de forma que, caso presentes num enunciado, possam influenciar o leitor a avaliar que o que é dito é “mais mentira” ou uma mentira “mais completa”.

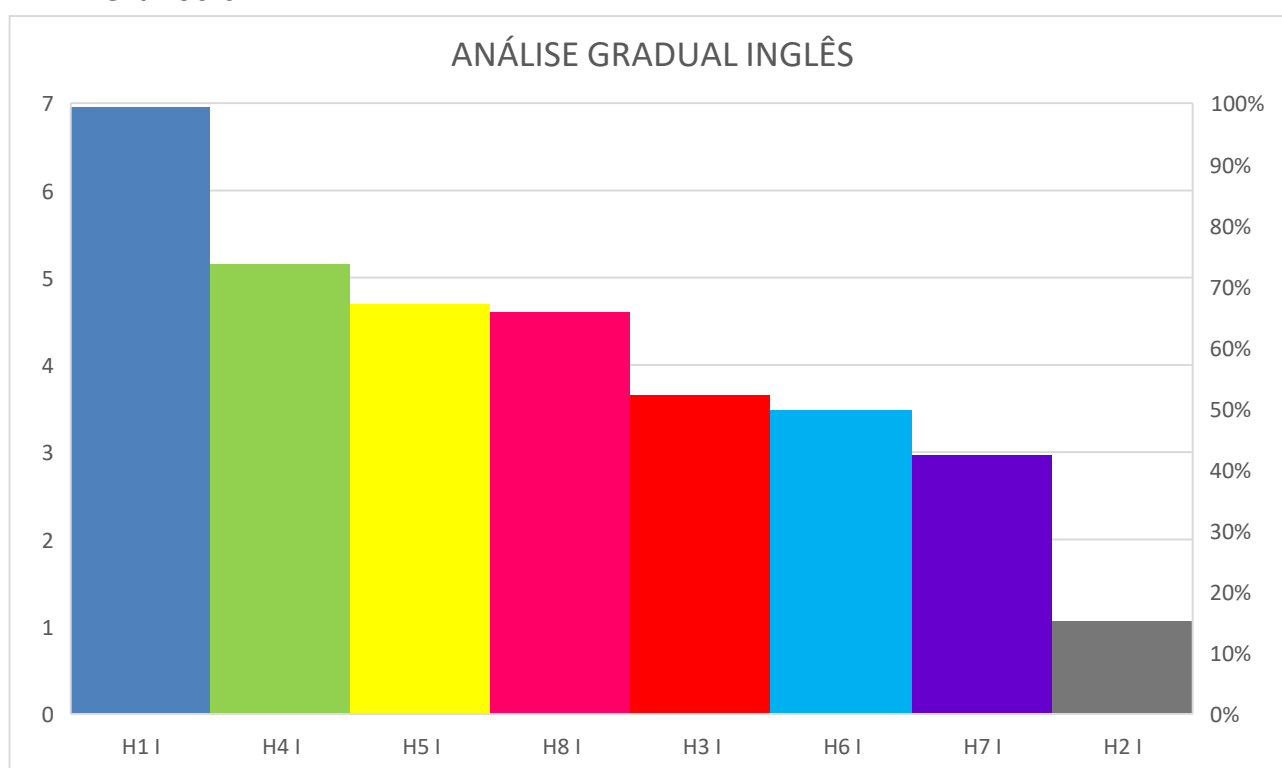
3.3 COMPARANDO RESULTADOS

Como dito anteriormente, é possível visualizar como as histórias analisadas no português brasileiro se comportam em relação aos resultados obtidos para a língua inglesa. Desse modo, a tabela abaixo representa a pontuação apresentada, igual ao PB, na língua inglesa, levando em conta os dados fornecidos por Coleman e Kay (1981), e o Gráfico 3 traz a representação desses resultados em termos de porcentagem, conforme fizemos para os dados do PB.

Tabela 4:

HISTÓRIA	TOTAL	ESCALA (TOTAL/67) *
H1 I	466	6,96
H2 I	71	1,06
H3 I	245	3,66
H4 I	346	5,16
H5 I	315	4,7
H6 I	233	3,48
H7 I	199	2,97
H8 I	309	4,61

Gráfico 3:



Na seção seguinte, vamos comparar os resultados e discutir suas implicações sobre o protótipo de mentira em PB e em inglês.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Para que pudéssemos analisar os resultados de maneira mais visual, utilizamos a porcentagem como nossa principal ferramenta. Dessa forma, já que os gráficos buscam equalizar as escalas, nos aproveitamos dela. Para chegar às porcentagens, foi elaborada uma simples regra de três, em que, como vimos, 7 equivale a 100% e os dados apresentados nas tabelas, de ambas as línguas, especificamente a seção da escala total dividida pelo número de participantes. Essa razão nos mostra as porcentagens relativas de cada história para que possamos compará-las.

Na história 1, em ambas as línguas, por exemplo, fica claro que os sujeitos a consideram um exemplo de mentira, e esse resultado está de acordo com a previsão da história 1 uma mentira “perfeita”, pois possui os três elementos apresentados na tabela 1 que caracterizam um enunciado como mentira. Ao analisar as porcentagens, vemos que no inglês 99% dos participantes votaram que a história era mentira. Já no português brasileiro, 94% dos candidatos votaram na história como sendo mentira e são números bastante próximos. Na história 2, por outro lado, que não contém nenhuma das características que positivam um enunciado como mentira, possui uma porcentagem muito mais baixa, já que nosso foco é apenas analisar o quanto as pessoas entendem e interpretam uma mentira. No PB, 6,8% dos participantes votaram que a história era mentira, enquanto no inglês, esse valor aumenta para 15%.

A história 3 também não possui uma porcentagem muito discrepante entre as línguas, já que a porcentagem de participantes que consideraram o enunciado como mentira no PB foi de 57% e no inglês, de 52%. Isso poderia apontar que as características presentes referentes à mentira podem possuir a mesma influência em ambas as línguas.

Contudo, nas histórias 5 e 6, esse parâmetro começa a mudar. No PB, os participantes que consideraram o enunciado uma mentira da história 5 foram 54%, enquanto no inglês foi de 67%. Na história 6, podemos ver que 35% dos participantes consideraram a história como mentira no PB, ao mesmo tempo que na língua inglesa foram 50%.

As porcentagens nesses casos podem ainda não ser de valores discrepantes, mas são passíveis de uma análise mais minuciosa, pois essa diferença existe, mesmo que pequena. Não há características iguais presentes em ambas as histórias, o que indica que o que as tornam mentiras são casos diferentes. Na história 6, a característica predominante que a transforma em uma mentira é o fato de o falante pretender enganar o ouvinte. Já na história 5, temos mais de uma característica, a de que a proposição que é dita ser falsa e o falante acreditar que a proposição seja falsa.

Vejamos uma comparação das respostas em ordem crescente do que foi considerado mentira para as duas línguas. Para tanto, vamos retomar os traços que caracterizam as histórias na tabela abaixo, e nomear cada traço como A, B e C, para facilitar a visualização; assim sendo, a história H1 seria ABC, e H2 seria 0, como abaixo:

Tabela 5:

Histórias	P é falso - A	F acredita que P é falso - B	F pretende enganar O - C	
H1 ABC	+	+	+	Mentira perfeita
H2 0	-	-	-	Não é mentira
H3 AC	+	-	+	É mentira
H4 BC	-	+	+	É mentira
H5 AB	+	+	-	É mentira
H6 C	-	-	+	É mentira
H7 A	+	-	-	É mentira
H8 B	-	+	-	É mentira

Podemos colocar lado-a-lado os resultados obtidos, organizados de acordo com o que foi considerado mais mentira em cada língua, chegando assim ao que está representado na Tabela 6:

Tabela 6:

PB	Inglês
H1 PB ABC	H1 I ABC
H3 PB AC	H4 I BC
H5 PB AB	H5 I AB
H4 PB BC	H8 I B
H6 PB C	H3 I AC
H8 PB B	H6 I C
H7 PB A	H7 I A
H2 PB 0	H2 I 0

Comparando os traços relevantes, podemos ver a importância do traço B (F acredita que P é falso) para o inglês, ao passo que os resultados em PB são mais difusos, e apontam para a importância do traço A (P é falso). Entretanto, vemos que o traço B, que tem mais relevância para o inglês, é o que menos induz a uma mentira no PB.

Dessa forma, podemos concluir que não há um traço único que seja responsável pela maior inferência de que um enunciado é uma mentira, mas sim uma relevância maior entre os traços. A partir dos dados obtidos, podemos concluir que no português brasileiro a ordem de relevância é **A, C** e, por fim **B**; na língua inglesa, por outro lado, os traços se alteram completamente, sendo a ordem **B, A** e **C**.

5. CONCLUSÃO

Diante de nossas análises, no âmbito teórico e filosófico, é muito difícil dizer o que é uma mentira, de maneira geral, já que esse conceito possui muitas facetas, sendo essas explicadas por diferentes teorias filosóficas ou psicológicas, por exemplo. No âmbito empírico, é possível argumentar que o conceito de mentira não é categórico e não é o mesmo em diferentes línguas, já que, diante dos resultados do nosso experimento e após a comparação com os resultados apresentados na língua inglesa por Coleman e Kay (1981), os traços presentes nas histórias são o que serviriam como uma definição de que característica seria predominante e induziria uma mentira, num domínio linguístico.

Vimos, porém, que os traços são diferentes para os falantes de português brasileiro e de inglês, além de que as línguas não possuem um traço único com maior imposição do que influenciaria, linguisticamente, uma pessoa a mentir. Isso abre uma série de questões, que tem a ver com a respostas a histórias semelhantes em outras línguas – podemos, em princípio, ter outros resultados – e também para questionar se há mais critérios que compõem o protótipo de mentira, entre outras perguntas.

Além disso, os dados que obtivemos com nossa pesquisa apontam também que existe uma relevância entre os traços considerados relevantes na definição de mentira, e a comparação dos dados do PB com os resultados em inglês, revelam que esses traços ou as características de mentira possuem diferentes importâncias para cada língua, como os gráficos e tabelas apresentados evidenciam. Mesmo que não haja uma diferença muito discrepante, julgamos que ela não pode ser ignorada, devido tanto a suas implicações práticas e sociais, quanto ao seu papel nos estudos sobre mentira que devem, a nosso ver, levar em conta seriamente que estamos diante de um conceito complexo, multifacetado e culturalmente variável, ainda que com certa estabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adha, A. "Indonesians do not believe in lying : new results of replicating Coleman and Kay's study". *Pro-Fil*, v. 21, n. 1, p. 11–23, (2020).
- Aune, R., Kelly and Linda L. Walters. "Cultural Differences in Deception: Motivations to Deceive in Samoans and North Americans", *International Journal of Intercultural Relations*. (1994)
- Austin, J. L." *How to Do Things with Words*". London: Oxford University Press (1962).
- Bach, Kent. "Seemingly semantic intuitions. In *Meaning and Truth*", Keim J. Campbell, M. O'Rourke, and D. Shier (eds.), 21–33. New York: Seven Bridges. (2002).
- Beysade, C. and Marandin, J.M. "The Speech Act Assignment Problem Revisited: Disentangling Speaker's Commitment from Speaker's Call on Addressee". In *Empirical Issues in Syntax and semantics 6*, O. Bonami and P. Cabredo Hofherr (eds.), 37–68 (2006).
- Blühdorn, Hardarik. "Zur Struktur und Interpretation von Relativsätzen". *Deutsche Sprache* 35: 287–314 (2008).
- Brown, P." Everyone has to lie in Tzeltal", in Blum-Kulka, S. – Snow, C. (eds.) *Talking to Adults*, Erlbaum, 541–275 (2002).
- Chen, R. – Hu, C. – He L. "Lying between English and Chinese: An intercultural comparative study, *Intercultural Pragmatics*. (2013)
- Coleman, L.; Kay, P. "Prototype Semantics: The English Word Lie". *Language*, v. 57, n. 1, p. 26, mar. (1981).
- Cole, Shirley A.N. "Semantic prototypes and the pragmatics of Lie across cultures". *The LACUS Forum* 23, 475–483 (1996).
- Danzinger, Eve (2010). "On trying and lying: Cultural configurations of Grice's Maxim of Quality", *Intercultural Pragmatics* 7 (2): 199–219.
- Dilmon, R. "Between thinking and speaking—Linguistic tools for detecting a fabrication", *Journal of Pragmatics*, Volume 41, Issue 6. (2009)
- Eichelberger, J. "A semantic and pragmatic analysis of the Spanish word 'lie' : implications and applications for the second language learner". baylor-ir.tdl.org, 1 maio de (2012)
- Hardin, Karol J. "The Spanish notion of Lie: Revisiting Coleman and Kay", *Journal of Pragmatics* 42 (12): 3199–213 (2010)
- Holler, Anke. "Uniform oder different? Zum syntaktischen Status nicht-restriktiver Relativsätze". *Deutsche Sprache* 35: 250–270 (2007).
- Leal, S. – Vrij, A. – Vernham, Z. – Dalton, G. – Jupe, L. – Harvey, A. – Nahari, G. "Cross-cultural verbal deception, *The British Psychological Society*" 23(2), 192–213, (2018).

Meibauer, Jörg, "Lying and falsely implicating", *Journal of Pragmatics*, Volume 37, Issue 9, Pages 1373-1399 (2005).

Meibauer, Jörg. "Lying at the semantics-pragmatics interface". Boston: De Gruyter Mouton, (2014).

Meibauer, Jörg. "The Oxford handbook of lying". Oxford, United Kingdom ; New York, Ny: Oxford University Press, (2019).

Shuy, R. W. "The language of confession, interrogation and deception." Thousand Oaks: Sage Publications, (1998).

Stokke, A. "Lying and Insincerity". [s.l.] Oxford University Press, (2018).

Taylor, J. "Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory" (2nd ed.). Oxford: OUP. (1995).

Travis, Catherine E. "Confianza and calor humano in Colombian Spanish". In: Godard, Cliff, (Eds.), *Ethnopragmatics: Understanding Discourse in Cultural Context*. Mouton de Gruyter, New York, pp. 199–229.(2006.)

Wiegmann, A. "Lying with the deceptive implicatures? Solving a puzzle about conflicting results", *Analysis*, Volume 83, Issue 1, January 2023, Pages 107–118 (2022)

Yeung, Lorrita N. T., Timothy R. Levine, and Kazuo Nishiyama. "Information Manipulation Theory and Perceptions of Deception in Hong Kong", *Communication Reports* 12 (1): 1–11. (1999)

ANEXO

1. HISTÓRIAS ORIGINAIS:

(I) Moe has eaten the cake Juliet was intending to serve to company. Juliet asks Moe, 'Did you eat the cake?' Moe says, 'No.' Did Moe lie?

(II) Dick, John, and H.R. are playing golf. H.R. steps on Dick's ball. When Dick arrives and sees his ball mashed into the turf, he says, 'John, did you step on my ball?' John replies, 'No, H.R. did it.' Did John lie?

(III) Pigfat believes he has to pass the candy store to get to the pool hall, but he is wrong about this because the candy store has moved. Pigfat's mother doesn't approve of pool. As he is going out the door intending to go to the pool hall, Pigfat's mother asks him where he is going. He says, 'I am going by the candy store.' Did Pigfat lie?

(IV) One morning Katerina has an arithmetic test she hasn't studied for, and so she doesn't want to go to school. She says to her mother, 'I'm sick.' Her mother takes her temperature, and it turns out to Katerina's surprise that she really is sick, later that day developing the measles. Did Katerina lie?

(V) Schmallowitz is invited to dinner at his boss's house. After a dismal evening enjoyed by no one, Schmallowitz says to his hostess, 'Thanks, it was a terrific party.' Schmallowitz doesn't believe it was a terrific party, and he really isn't trying to convince anyone he had a good time, but is just concerned to say something nice to his boss's wife, regardless of the fact that he doesn't expect her to believe it. Did Schmallowitz lie?

(VI) John and Mary have recently started going together. Valentino is Mary's ex-boyfriend. One evening John asks Mary, 'Have you seen Valentino this week?' Mary answers, 'Valentino's been sick with mononucleosis for the past two weeks.' Valentino has in fact been sick with mononucleosis for the past two weeks, but it is also the case that Mary had a date with Valentino the night before. Did Mary lie?

(VII) Two patients are waiting to be wheeled into the operating room. The doctor points to one and says, 'Is Jones here the appendectomy or the tonsillectomy?' Nurse Braine has just read the charts. Although she is anxious to keep her job, she has nevertheless confused the charts in her mind and replies, 'The

appendectomy,' when in fact poor Jones is the one scheduled for tonsillectomy. Did Nurse Braine lie?

(VIII) Superfan has got tickets for the championship game and is very proud of them. He shows them to his boss, who says, 'Listen, Superfan, any day you don't come to work, you better have a better excuse than that.' Superfan says, 'I will.' On the day of the game, Superfan calls in and says, 'I can't come to work today, Boss, because I'm sick.' Ironically, Superfan doesn't get to go to the game because the slight stomach ache he felt on arising turns out to be ptomaine poisoning. So Superfan was really sick when he said he was. Did Superfan lie?

2. HISTÓRIAS TRADUZIDAS:

(I) Caio comeu o bolo que Julieta pretendia servir na empresa. Julieta pergunta a Caio, “Você comeu o bolo?”. Caio responde, “Não”. **Caio mentiu?**

(II) Diego, João e Marcos estão jogando golfe. Marcos pisa na bolinha de Diego. Quando Diego chega e vê a bola afundada no gramado, pergunta: “João, você pisou na minha bolinha?”. João responde: “Não, foi Marcos que pisou”. **João mentiu?**

(III) George acredita ter que passar pela loja de doces para entrar no bar onde joga sinuca, mas ele está errado, pois a loja de doces mudou de endereço. A mãe de George não aprova o fato dele jogar sinuca. No momento em que ele está saindo, com a intenção de ir ao bar, sua mãe pergunta onde ele está indo. George responde que está indo para a loja de doces. **George mentiu?**

(IV) Em uma manhã, Katerina tem uma prova de aritmética para a qual não estudou e, por isso, não quer ir para a escola. Ela diz à mãe que está doente. A mãe mede sua temperatura e Katerina fica surpresa ao descobrir que está realmente doente, descobrindo mais tarde naquele dia que era sarampo. **Katerina mentiu?**

(V) Silvio é convidado para um jantar na casa de seu chefe. Depois de uma noite horrível, que ninguém gostou, Silvio diz à sua anfitriã: “Obrigado, foi uma festa maravilhosa”. Silvio não acredita que foi uma noite maravilhosa, inclusive não está tentando convencer ninguém de contrário, está apenas preocupado em dizer algo legal para a esposa de seu chefe, sem considerar o fato de que ele não espera que ela acredite nisso. **Silvio mentiu?**

(VI) João e Maria recentemente começaram a sair juntos. Valentino é o ex-namorado de Maria. Numa tarde, João pergunta para Maria se ela tinha visto Valentino na última semana e ela responde que Valentino teve uma virose nas últimas duas semanas. De fato, Valentino esteve doente, mas também é fato que Maria teve um encontro com Valentino na noite passada. **Maria mentiu?**

(VII) Dois pacientes estão aguardando para serem levados à sala de cirurgia. O médico aponta para um e pergunta: “Jonas está aqui pela apendicectomia ou pela tonsilectomia?” A enfermeira Bruna tinha acabado de ler os prontuários. Mesmo muito preocupada em manter seu emprego, ela acaba confundindo os prontuários e afirma: “Apendicectomia”, quando, na verdade, Jonas estava agendado para fazer a tonsilectomia. **A enfermeira Bruna mentiu?**

(VIII) Tomás conseguiu ingressos para o campeonato de jogos e estava muito orgulhoso disso. Ele mostra os ingressos ao chefe, que diz: “Ouça, Tomás, se algum dia você não vir trabalhar, é melhor ter uma desculpa melhor do que essa”. Tomás responde “Eu terei”. No dia do jogo, Tomás liga para o chefe e diz: “Não posso ir trabalhar hoje, porque estou doente.” Ironicamente, Tomás não vai ao jogo por causa de uma leve dor de estômago que surgiu por ter comido demais. Portanto, ele estava realmente doente. **Tomás mentiu?**